



A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE E UMA IMPLEMENTAÇÃO DIDÁTICO-FILOSÓFICA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Germano Alves Cavalcante¹

João Batista Farias Junior²

Resumo

Este trabalho visa investigar a ética da responsabilidade a partir de Hans Jonas e a relação que se pode estabelecer a partir de seus elementos para uma implementação didático-filosófica no ensino de filosofia. Apoiar-se nas obras *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* (2006) uma proposição filosófica sobre o dever para com a vida frente aos incrementos da técnica e tecnologia de Hans Jonas; *Técnica, Medicina e Ética: sobre a prática do princípio responsabilidade* (2013) em que o autor faz uma análise crítica da técnica e dos seus efeitos; a tese *Responsabilidade Política pelo Mundo Comum: diálogos entre Hans Jonas e Hanna Arendt* (2021) de Farias Junior; *Entre Nós: Ensaio sobre a alteridade* (2010) de Emmanuel Lévinas no que tange à responsabilidade pelo outro e artigos que refletem sobre o princípio responsabilidade relacionados à educação.

Palavras-chave: Ética da Responsabilidade. Ensino de Filosofia. Educação.

LA ÉTICA DE LA RESPONSABILIDAD Y UNA APLICACIÓN DIDÁCTICO-FILOSÓFICA PARA LA ENSEÑANZA DE LA FILOSOFÍA

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo investigar la ética de la responsabilidad a partir de Hans Jonas y la relación que se puede establecer a partir de sus elementos para una implementación didáctico-filosófica en la enseñanza de la filosofía. Se basa en las obras *El principio de responsabilidad: ensayo de ética para la civilización tecnológica* (2006), una propuesta filosófica sobre el deber de Hans Jonas hacia la vida frente a los avances técnicos y tecnológicos; *Técnica, medicina y ética: sobre la práctica del principio de responsabilidad* (2013), en la que el autor realiza un análisis crítico de la técnica y sus efectos; y la tesis *Responsabilidad política para el mundo común: Diálogos entre Hans Jonas y Hanna Arendt* (2021), de Farias Junior; *Entre nosotros: ensayos sobre la alteridad* (2010), de Emmanuel Lévinas, sobre la responsabilidad por el otro, y artículos que reflexionan sobre el principio de responsabilidad en relación con la educación.

Palabras-clave: Ética de la responsabilidad. Enseñanza de la Filosofía. Educación.

¹ Licenciado em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí; Mestrando em Filosofia pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia do Instituto Federal Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural. Email: germano.alves@aluno.ifsertao-pe.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1748-3136>.

² Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás; professor de Filosofia do Instituto Federal do Piauí. Licenciado e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. Professor do Mestrado Profissional em Filosofia do Instituto Federal Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural. Email: joabfariasjunior@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2924-5656>.

Introdução

O trabalho se trata de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica sobre a questão da responsabilidade frente ao ensino de filosofia, especificamente, ao que corresponde ao Ensino Médio. Pretende-se responder à pergunta: como a filosofia pode contribuir para a formação de um sujeito ético e responsável com o outro e como meio em que vive? A consciência e conscientização em torno da responsabilidade ética para com os usos da tecnologia dentro e fora da sala de aula, bem como a colaboração para com um ambiente sustentável, saudável e propício à garantia de vida, têm sido preocupações políticas, educacionais e culturais, especialmente por pensar em um futuro e toda a vida que possa estar ameaçada. O futuro é consequência daquilo que realizamos no presente.

Hans Jonas, filósofo judeu nascido em 1903, em sua obra principal publicada originalmente em 1979, *Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*; nesta obra o autor faz uma análise crítica da construção da técnica, da utilização dos recursos da natureza, a ética como finalidade e visão de uma sociedade futura na reconstrução de um imperativo categórico voltado para toda vida sobre a terra e ainda a crítica sobre a tecnologia em detrimento das utilizações dos meios tecnológicos.

A preocupação do filósofo contemporâneo é direcionada ao agir humano³ e suas consequências, problematizar como o homem tem se relacionado com recursos que até então se compreendiam como infinitos e por isso se expropriava e se apropriava de tais sem uma intensa e empreendedora reflexão política e social sobre racionalização dos recursos, ética ambiental, enfim, a ética sustentável do meio para a sustentabilidade de toda a vida humana presente e futura.

Em sua obra que trata a responsabilidade como princípio, Hans Jonas se empenha em abordar e trazer a questão da temática da responsabilidade como sendo inédita para a construção de uma filosofia ética inovadora mediante a qualquer análise ética anterior. Embora as éticas anteriores se voltassem para a consciência

³ O autor reflete sobre as transformações sociais que modificaram o próprio agir humano e isso provocou uma nova proposição ética já que o modelo da ética antiga não consegue responder às novas emergências.



e o agir humano, sua teoria se propõe a repensar uma ética para a vida humana e inumana, animal e vegetal, e sustentabilidade dessas.

Pretende-se com a pesquisa investigar os elementos que o princípio de responsabilidade de Hans Jonas apresenta como para práticas didático-filosóficas possíveis em sala de aula no ensino de Filosofia no interesse de unir teoria à prática como incentivo à formação de comportamento ético e sustento-responsável na escola e para além dela. Para se alcançar tal objetivo, o primeiro passo será examinar a tecnologia como um problema social no contexto da sala de aula e filosófico a partir da proposta jonasiana.

Fundamenta-se nas obras de Hans Jonas *O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* (2006), no texto da tese *Responsabilidade Política pelo Mundo Comum: diálogos entre Hans Jonas e Hanna Arendt* (2020) de João Batista Farias Junior (2020); *Entre Nós: Ensaio sobre a alteridade* (2010) de Emmanuel Lévinas ao apresentar a filosofia da alteridade e nessa a perspectiva de responsabilidade para como outro⁴ e em outros autores que abordam as questões sobre a ética da responsabilidade em face da tecnologia, da educação, da prática de alteridade e consequências político-sociais. A natureza se tornou vulnerável ao homem, “[...] uma vulnerabilidade que jamais fora pressentida antes que ela se desse a conhecer pelos danos já produzidos” (JONAS, 2006, p.39). A partir de então, Hans Jonas fala que tal efeito levou ao conceito e surgimento da ciência do meio ambiente, a ecologia.

Os efeitos gradativos da técnica modificaram aos poucos o agir humano, revelou a necessária responsabilidade do indivíduo para a biosfera inteira do planeta, afinal é ele que a procura dominar e ter poder sobre ela. Afinal, tais comprometimentos incitaram uma nova postulação de pensar, de refletir ético-filosófico que antes jamais se poderia se preocupar, isso porque a relação do homem com a natureza não parecia ser de urgência nem de problemática ao empreendimento intelectual de se teorizar ideias que contribuam para um novo agir,

⁴ Lévinas fala de uma responsabilidade que antecede a perspectiva da relação social, a que ele chama de socialidade, é essa responsabilidade anterior à própria concepção constitutiva do ser humano, ou seja, o que permite se perceber como parte, pertencimento e culpabilidade no que lhe é exterior. (Cf. LÉVINAS, 2010, p. 141).

já que “[...] nenhuma ética anterior vira-se obrigada a considerar a condição global da vida humana e o futuro distante, inclusive da espécie” (JONAS, 2006, p. 41).

O primeiro ponto a que nos debruçamos se subdivide em três tópicos, a princípio em a crítica de Hans Jonas à modernidade. Nesse tópico, aprofunda-se na crítica de Hans Jonas sobre a modernidade, destacando seu questionamento em relação à visão antropocêntrica e ao domínio absoluto do ser humano sobre a natureza. Jonas argumenta que essa mentalidade dominadora nos leva a assumir uma responsabilidade inadequada em relação às consequências negativas de nossas ações.

Depois, fala-se da heurística do temor e futurologia que tentará corresponder a uma abordagem proposta por Jonas que envolve a consideração cuidadosa das possíveis consequências negativas das ações humanas. Explora-se como essa heurística nos ajuda a tomar decisões responsáveis e a evitar impactos prejudiciais para o futuro. Além disso, debate-se o campo da futurologia, que busca antecipar os prováveis desdobramentos das ações humanas. Na sequência, o dever para com o futuro. E examina o conceito de "dever para com o futuro" proposto por Hans Jonas. Argumenta-se que temos a obrigação ética de agir de forma responsável e considerar as gerações futuras em nossas decisões e ações presentes.

Na sequência, reflete-se em alguns aspectos sobre a responsabilidade como prática. Analisará a responsabilidade política, e aqui, discute-se a responsabilidade política, abordando a importância dos líderes e tomadores de decisão agirem com ética e responsabilidade no exercício do poder; como a responsabilidade econômica e os impactos sociais e ambientais. Ainda, a responsabilidade educativa em que se discute o papel da educação na formação de indivíduos éticos e responsáveis. São abordados aspectos como a educação para a cidadania, a promoção dos valores éticos, a consciência crítica e a responsabilidade social.

Destaca-se ainda, o ensino de Filosofia e a concepção de responsabilidade, relacionará o ensino de filosofia e a teoria de Emmanuel Lévinas no que tange à alteridade vinculada à responsabilidade, ambos assuntos implicados sobre a ética da responsabilidade. Nesse quesito, são exploradas as implicações da ética da responsabilidade de Hans Jonas para o ensino de filosofia. São discutidos os

aspectos morais do ensino como prática, destacando a importância de desenvolver responsabilidade e consciência crítica nos alunos. Além disso, são abordados temas relacionados à interdisciplinaridade, mostrando como a filosofia de Hans Jonas pode se conectar a outras propostas filosóficas como a de Emmanuel Lévinas e também outras disciplinas para promover uma compreensão mais ampla da responsabilidade.

A responsabilidade e a sustentabilidade não são realidade que se referem apenas ao meio ambiente, exterior ao indivíduo, mas antes se trata de uma responsabilidade que passa pelo outro como sujeito que interpela o outro para um agir ético, conscientiza e responde a esse de forma positiva ou não. Isso é alteridade, pensar o outro e sua ordem de comando pelo rosto de uma humanidade a que necessita do “eu” como alguém que é responsável e capaz de agir para com o outro e pelo o outro.

Sobre a alteridade, destacam-se as contribuições do filósofo Emmanuel Lévinas em sua obra chamada *Entre Nós: Ensaio sobre a alteridade* (2010), em que sua filosofia se centra na alteridade que a traz como conceito e consequência presente na existência da ética; sendo ela anterior à própria autonomia e preposição ontológica.

As temáticas que se relacionam com a ideia de responsabilidade, incentivam competências e habilidades. Quando se incentiva os alunos ao debate, reflexão e pesquisa sobre a ética da responsabilidade, tecnologia e crítica de Hans Jonas se desenvolvem habilidades de pesquisa, análise crítica, pensamento reflexivo, comunicação, escrita, trabalho em equipe, liderança, pensamento crítico e resolução de problemas, competência tecnológica, empatia e consciência social nos alunos. Da pesquisa e análise crítica, os alunos serão incentivados a pesquisar e analisar informações relevantes sobre a ética da responsabilidade, a tecnologia e a crítica de Hans Jonas. Isso os ajudará a desenvolver habilidades de pesquisa, seleção de fontes confiáveis e análise crítica de informações. O pensamento reflexivo, ao trabalhar com questões éticas complexas, os alunos serão desafiados a refletir profundamente sobre suas próprias crenças, valores e atitudes. Eles aprenderão a considerar diferentes perspectivas e a gerar pensamentos reflexivos e autônomo.

O problema da tecnologia: uma leitura jonasiana

Em sua obra, *O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* (2006), “[...] além de ser considerado um princípio ético, proporciona uma perspectiva de diálogo crítico em plena era tecnológica” (BATTESTIN; GHIGGI, 2010, p. 72). Jonas acreditava que, embora a tecnologia trouxesse inúmeras vantagens e comodidades para a humanidade, também apresentava desafios e dilemas morais. No transcorrer desse capítulo, examina-se como Jonas abordou essa questão e como suas ideias podem ajudar a repensar a relação do homem com a tecnologia.

Hans Jonas e seu interesse pelos problemas éticos das tecnologias que são impulsionados pelos efeitos da técnica moderna. Hans Jonas nasceu em 1903 na cidade de Mönchengladbach na Alemanha, falecido em 1993 na cidade Nova York, foi aluno dos filósofos Husserl e Heidegger. Foi na década de 1970 que, Hans Jonas, tem se interessado a estudar os problemas éticos que surgem através dos avanços tecnológicos já presentes na era da modernidade. Em 1979, publica a obra *Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* na versão inglesa e traduzida para o português em 2006.

Essa obra tem se tornado a principal para entender sua crítica e proposição filosófica. Por meio dela, o filósofo traça um percurso de reflexão acerca do que se construiu como modernidade, a saber das grandes invenções que modificaram não só o ponto de vista reflexivo sobre a própria vida, mas a própria ação humana em razão da técnica. De acordo com Farias, “O livro resultara de uma década de pesquisa e de reflexão a respeito das intervenções tecnológicas no meio ambiente e no próprio ser humano” (FARIAS JR, 2020, p. 7). As análises a que Hans Jonas se propõe se lançam sobre a ideia de progresso apresentada através dos aparatos e recriações do período moderno, mais ainda, sobre os efeitos gradativamente negativos desses, principalmente aqueles que foram criados para a destruição.

Além de se fazer uma crítica por sobre a modernidade e suas criações que têm transformado o agir e a vida humana através da técnica e, nela, está a tecnologia

como nova invenção e mecanismo que se propõe facilitar e inovar a mesma vida, seus grandes problemas, necessidades, utilidades entre outras finalidades; o livro de Jonas é uma nova proposta ética inédita a qualquer uma outra que tenha sido sistematizada antes.

As modernas tecnologias têm evidenciado os riscos que se escondiam nos aparatos e impactavam à ética e à política. Conhecer é poder, saber significaria ter domínio e apropriação, de acordo com Alencastro, “Com as modernas tecnologias, poder-se-ia dizer que a humanidade teria atingido o ideal *baconiano* – da dominação da natureza pela técnica científica. Atribui-se a Francis Bacon a concepção do lema ‘saber é poder’” (ALENCASTRO, 2009, p. 17). O conhecimento ou saber só teriam validade ou utilidade quando imbricados à uma prática, ação, ou seja, a um executar; e sob essa perspectiva, conforme a capacidade de dominação do homem através da *techne* se aperfeiçoava, presumindo ele ter a natureza a seu dispor e suscetível a sua dominação; tal concepção e práticas têm condicionado para o agir frente a um poder desequilibrado e sem limites que traz preocupações no cenário político e social em face da responsabilidade ética, além de impactado em mudanças na identidade e reconhecimento desse mesmo eu.

Hans Jonas faz uma crítica sobre essa ideia de associar conhecimento ou saber ao poder empreendida na concepção científicista de Francis Bacon. De acordo com (JONAS, 2006), a ideia de validar o saber com o fazer, produzir, executar, enfim, uma vinculação prática que, na visão do filósofo Francis Bacon o conhecimento só teria valia segundo um preceito prático e produtivo.

O poder humano sobre a natureza está em sua interferência a se utilizar dessa e seus recursos para suprir a si, e mesmo a essa prática aparentemente simples, acentua-se o fazer tecnológico por justificativas de suprimento de necessidades, anseios, sobrevivência ou até praticidades; conforme Jonas, “[...] sobre o poder e o fazer humano, uma voz que, em um sentido arquetípico, já faz soar, por assim dizer, uma nota tecnológica [...]” (JONAS, 2006, p. 31).

É o homem que tem a capacidade de modificar o seu meio e com isso também modificar os significados possíveis. Diante de suas criações, “O homem é o criador de sua vida como vida humana. Amolda as circunstâncias conforme sua vontade e

necessidade, e nunca se encontra desorientado, a não ser diante da morte” (JONAS, 2006, p. 32). Significa, pois, pensar que se o homem é capaz de modificar os meios a sua volta, os sentidos interpretativos que esses tomam, não será ele capaz de modificar seu próprio agir? Ou ainda, em razão de tais modificações, não implicariam em mudanças ao agir humano e sua forma de conceber o mundo?

O século XX caracteriza-se como o período marcado por tamanhas inovações e reinvenções em diversos campos do conhecimento e áreas de trabalho. Dentre essas, descobertas até que mudariam as compreensões acerca dos limites espaciais, limites esses que delimitavam as capacidades humanas de acesso a outros planetas e à pesquisas nesses; coisas que jamais se imaginariam anteriormente estarem a seu poder de fazer⁵.

Jonas argumentou que há um paradoxo na tecnologia moderna. Esse paradoxo parte dos limites e contraposições entre o artificial e o natural, antes tais limites não eram concebidos pelas ações humanas que não carregavam em si o domínio, a apropriação e os artefatos artificiais, a vida do homem “[...] desenvolveu-se entre o que permanecia e o que mudava: o que permanecia era a natureza, o que mudava eram suas próprias obras” (JONAS, 2006, p. 33). Dessa forma, não se pensava na relevância de um pensar e um agir preocupado com o que permanecia sempre o mesmo, ou seja, “A significação ética dizia respeito ao relacionamento direto do homem com homem, inclusive o de cada homem consigo mesmo; toda ética tradicional é antropocêntrica” (JONAS, 2006, p. 35), significa que a natureza era concebida como inesgotável, imutável e neutra, a ética dizia respeito apenas ao aspecto antropocêntrico e às suas questões.

Contudo, os efeitos causados pelas ações humanas têm mostrado o contrário. Por um lado, os artefatos tecnológicos que são criados sobre a prerrogativa de utilidade ou praticidade nos fornecem até soluções para vários problemas e aprimora nossa qualidade de vida. Por outro lado, sua crescente complexidade e alcance, têm o potencial de gerar consequências negativas imprevistas. Isso porque a técnica, antes prática para atender necessidades do presente, agora já sinaliza para

⁵ Destaca-se uma das grandes descobertas e saltos importantes que foi a ida do homem ao espaço, os estudos das células contidas no DNA, fatos até antes apenas imaginados como ficção.

mudanças no que não se previa desencadear como transformadoras e violentas. Jonas analisa que as ações do homem sobre a natureza têm criado as fronteiras levantando as questões positivas e negativas por sobre os efeitos de seu domínio.

O que antes, ao campo da ética, dizia respeito apenas as relações humanas, herança das filosofias anteriores, tais mudanças provocaram têm conduzido novas tecnologias. Sobre isso dirá Jonas,

Todo o trato com o mundo extra-humano, isto é, todo o domínio da *techne* (habilidade) era – à exceção da medicina – eticamente neutro, considerando-se tanto o objeto quanto o sujeito de tal agir: do ponto de vista do objeto, porque a arte só afetava superficialmente a natureza das coisas, que preservava como tal, de modo que não se colocava em absoluto a questão de um dano duradouro à integridade do objeto e à ordem natural em seu conjunto (JONAS, 2006, p. 35).

A ética foi modificada e se vincula agora à responsabilidade para com o mundo extra-humano porque a *techne* também tem se transformado. A partir da dominação humana em seu isolamento e das criações que foram surgindo ao decorrer do período moderno, tais questões surgiram como estímulos para pensar não mais em uma ética que se volte para o presente, mas do imediato da ação ou ainda que se limite à humano.

A reflexão do filósofo aponta para uma então necessidade de uma nova ética e continua, ao afirmar que, “[...] a biosfera no todo e suas partes, hoje subjugadas ao nosso poder [...] se tornaram um bem a nós confiados, capaz de nos impor algo como uma exigência moral [...]” (JONAS, 2006, p. 41). E essa nova proposição ética “[...] significaria procurar não só o bem humano, mas também o bem das coisas extra-humanas, isto é, ampliar o reconhecimento de ‘fins em si’ para além da esfera do humano e incluir o cuidado com estes no conceito de bem humano” (JONAS, 2006, p. 41).

A tecnologia apresenta riscos significativos à humanidade. A tecnologia traz consigo riscos e ameaças significativas que precisam ser consideradas. Segundo Farias Jr,



“[...] o advento de tecnologias que ameaçam a existência humana põe os seres humanos em grave risco de extinção e, em razão disso, o conceito de responsabilidade deve guiá-los na tarefa de preservar as condições necessárias à continuidade da humanidade” (FARIAS JR, 2020, p. 11).

As armas nucleares, por exemplo, têm o potencial de causar destruição em massa e desencadear conflitos globais. No subcapítulo seguinte tratará de questões associadas aos avanços tecnológicos no que se refere aos armamentos tomados como exemplo em um dos momentos mais marcantes e trágicos da humanidade, a 2ª Guerra Mundial.

É essencial reconhecer essas ameaças e o que elas significam e trabalhar para mitigá-las. Isso envolve o desenvolvimento de regulamentações e políticas que limitem o uso irresponsável da tecnologia e priorizem a segurança e o bem-estar das pessoas. Além disso, é necessário investir em tecnologias sustentáveis e responsáveis, que minimizem o impacto no meio ambiente e protejam os direitos e valores fundamentais dos indivíduos, uma vez que, “[...] nossa capacidade de ação, ao romper os limites do saudável para nós mesmos e autorrecuperável para a natureza, expõe a nós todos o perigo de destruímos aquilo que permite nossa existência” (FARIAS JR, 2020, p. 7).

Uma das críticas centrais de Jonas em relação à tecnologia é a falta de responsabilidade ética no seu desenvolvimento e uso. Sobre esse atento, Jonas afirma que, “[...] a tecnologia assume um significado ético por causa do lugar central que ela agora ocupa subjetivamente nos fins da vida humana” (JONAS, 2006, p. 43). Muitas vezes, o foco está apenas em maximizar os benefícios e as conveniências das inovações tecnológicas, sem levar em consideração os efeitos negativos a longo prazo. A ética da tecnologia envolve questionar o impacto e as implicações morais e sociais de nossas ações tecnológicas.

A tecnologia apresenta riscos significativos à humanidade. Farias Jr faz cita alguns dos avanços tecnológicos, que também trouxeram seus pontos negativos, “[...] a corrida espacial; a manipulação genética e a reprodução humana por meios artificiais; o desenvolvimento de tecnologias de automação e a criação de artefatos de destruição em massa” (FARIAS JR, 2020, p. 13). Dentre essas, pode-se destacar as ameaças nucleares, a poluição ambiental, a perda de privacidade, entre outros

problemas, como exemplos do impacto negativo que a tecnologia pode ter na sociedade.

A tecnologia traz consigo riscos e ameaças significativas que precisam ser consideradas. Segundo Farias Jr, “[...] o advento de tecnologias que ameaçam a existência humana põe os seres humanos em grave risco de extinção e, em razão disso, o conceito de responsabilidade deve guiá-los na tarefa de preservar as condições necessárias à continuidade da humanidade” (FARIAS JR, 2020, p. 11). As armas nucleares, por exemplo, têm o potencial de causar destruição em massa e desencadear conflitos globais. No subcapítulo seguinte tratará de questões associadas aos avanços tecnológicos no que se refere aos armamentos tomados como exemplo em um dos momentos mais marcantes e trágicos da humanidade, a 2ª Guerra Mundial.

É essencial reconhecer essas ameaças e o que elas significam e trabalhar para mitigá-las. Isso envolve o desenvolvimento de regulamentações e políticas que limitem o uso irresponsável da tecnologia e priorizem a segurança e o bem-estar das pessoas. Além disso, é necessário investir em tecnologias sustentáveis e responsáveis, que minimizem o impacto no meio ambiente e protejam os direitos e valores fundamentais dos indivíduos, uma vez que, “[...] nossa capacidade de ação, ao romper os limites do saudável para nós mesmos e autorrecuperável para a natureza, expõe a nós todos o perigo de destruímos aquilo que permite nossa existência” (FARIAS JR, 2020, p. 7).

Assim, as ações do homem trazem consigo uma série de riscos e ameaças consideráveis. Já fora dito acima alguns exemplos do potencial de destruição das armas nucleares, a poluição ambiental decorrente das inovações industriais, a perda de privacidade devido à coleta massiva de dados, entre outros. É necessário levar em conta esses riscos e trabalhar para minimizá-los, buscando soluções que levem em consideração o bem-estar humano e o equilíbrio do meio ambiente.

A crítica de Hans Jonas à modernidade é uma análise profunda das implicações éticas e existenciais das conquistas e transformações trazidas pela era moderna. Jonas, filósofo alemão, oferece uma visão crítica e preocupada com os rumos da sociedade moderna, questionando os impactos negativos que a busca pelo progresso



e a exploração desenfreada da natureza podem ter sobre a humanidade e sobre o planeta como um todo.

Para Jonas, a modernidade se caracteriza pela sua incessante busca pelo domínio e controle da natureza, tanto no sentido físico quanto no sentido mental. Dois fatos foram importantes para demarcar esse início de domínio, fatos que estão relacionados, seria “A violação da natureza e a civilização do homem caminham de mãos dadas” (JONAS, 2006, p. 32).

Isso se justifica, apresenta Jonas, porque antes as interferências do homem no meio da natureza eram consideradas superficiais. Segundo Jonas, as ações que o homem fazia na natureza e com utilização de seus recursos, não pareciam apresentar vulnerabilidade o falta, uma vez que, tinham como propósito a guia de necessidade. De tal forma, quem pensaria que a natureza, criação maior que o homem e posta a ele como presente, poderia recair como ameaça à vida futura sua e dos seus? Por esse tipo de pensamento, “A natureza não era objeto da responsabilidade humana – ela cuidava de si mesma e, com a persuasão e a insistência necessárias, também tomava conta do homem: diante dela eram úteis e inteligência e a inventividade, não ética” (JONAS, 2006, p. 34).

E dessa forma, a natureza não só passa a ser objeto de preocupação, mas impõe sobre o ser humano uma responsabilidade. Assim, aponta Jonas que,

A natureza como uma responsabilidade humana é seguramente um novum sobre o qual uma nova teoria ética deve ser pensada. Que tipo de deveres ela exigirá? Haverá algo mais do que o interesse utilitário? É simplesmente a prudência que recomenda que não se mate a galinha dos ovos de ouro, ou que não se serre o galho sobre o qual se está sentado? Mas este que aqui se senta e que talvez caia no precipício quem é? E qual é no meu interesse no seu sentar ou cair? (JONAS, 2006, p. 39).

A partir das engenhosas criações técnicas na cidade, sendo essa a primeira obra de artefato social (Cf. JONAS, 2006, p. 34)., influenciam então, novas formas de repensar essas investidas, interpretações e determinações que insurgem sobre a natureza confundindo assim o natural e o artificial, o segundo se apropriando e reduzindo o primeiro.



A ciência e a tecnologia emergiram como as principais forças motrizes dessa empreitada. Embora esses avanços tenham trazido benefícios significativos em termos de conforto, saúde e conhecimento, Jonas argumenta que eles também carregam consigo um conjunto de riscos e ameaças que precisam ser cuidadosamente considerados, sendo assim, “[...] a tecnologia assume um significado ético por causa do lugar central que ela agora ocupa subjetivamente nos fins da vida humana” (JONAS, 2006, p. 43).

Uma das principais críticas de Jonas é o desequilíbrio entre o poder da tecnologia e a responsabilidade ética daqueles que a controlam e a utilizam. Ele enfatiza a necessidade de uma ética da responsabilidade que contemple não apenas os benefícios imediatos e as possibilidades técnicas da tecnologia, mas também as consequências a longo prazo e os impactos éticos, sociais e ambientais envolvidos.

Segundo Jonas, a modernidade tende a valorizar a quantidade em detrimento da qualidade, a eficiência em detrimento da ética. A busca incessante pelo crescimento econômico e material acaba muitas vezes sobrepujando a preocupação com a sustentabilidade ambiental, a justiça social e as necessidades humanas fundamentais. Essa mentalidade utilitarista e orientada para o curto prazo, na visão de Jonas, pode levar a um colapso tanto da natureza quanto da nossa própria existência.

Outra crítica central de Jonas é a falta de respeito pela complexidade e o mistério da vida. A modernidade tende a reduzir tudo a um conjunto de elementos quantificáveis e mensuráveis, negligenciando a singularidade e a imprevisibilidade do mundo vivo. Ao tentar conter a natureza e a vida em esquemas simplificados, a modernidade acaba perdendo de vista a riqueza e a diversidade do mundo natural. Além disso, Jonas levanta preocupações sobre a alienação e a perda de sentido na sociedade moderna. A busca pelo conforto material e a ênfase no individualismo muitas vezes levam a um distanciamento da natureza, das relações humanas significativas e da busca por um propósito maior.

Ele argumenta que a modernidade precisa resgatar uma conexão mais profunda com a natureza, com as nossas origens e com valores espirituais que transcendem o materialismo e o utilitarismo. Para Jonas, é preciso reconhecer nossas

limitações e adotar uma postura de humildade diante da natureza e da vida. Devemos buscar um equilíbrio entre o nosso desejo por progresso e inovação e a necessidade de preservar a integridade e a harmonia do meio ambiente e da condição humana. Isso implica em impor limites à tecnologia, agir com precaução diante de novas inovações e assumir uma responsabilidade ética coletiva em relação às consequências de nossas ações.

A ética da responsabilidade e a Filosofia

A responsabilidade é um conceito-chave na filosofia, relacionado ao dever moral, à liberdade individual e à noção de agência humana (ABBAGNANO, 2007). A filosofia busca compreender a natureza e as implicações da responsabilidade, bem como examinar suas dimensões éticas e existenciais.

Dentro da ética, a responsabilidade refere-se à capacidade e obrigação de agir de acordo com princípios morais e de responder pelas consequências de nossas ações. Ela envolve a ideia de que somos responsáveis por nossas escolhas, decisões e comportamentos, assim como pelas consequências que derivam deles. Essa perspectiva ética nos leva a considerar que somos agentes morais autônomos, capazes de tomar decisões conscientes e, portanto, responsáveis por nossos atos.

Entrelaçada com a ética da responsabilidade em Hans Jonas está a proposta de filosofia da alteridade de Emmanuel Lévinas, poder-se-ia dizer até que uma só é possível com a outra. Lévinas assim como Jonas, traz uma contribuição pertinente e transformadora à própria filosofia e sua herança na reflexão ocidental em torno do outro, da subjetividade e tudo aquilo que faz menção à ética, especialmente sobre a concepção de responsabilidade a que esse se faz um recorte; uma responsabilidade que é indeclinável e irrecusável, isso começa a se justificar “[...] porque, na nossa relação com outrem, este não nos afeta a partir de um conceito” (LÉVINAS, 2010, p. 26); seres de relação, o que significa que o eu não pode se eximir da responsabilização da ação, independente de qual seja ela.

O autor inicia sua obra de compilados artigos fazendo uma construção crítica sobre a ontologia como filosofia primeira. O questionamento de Emmanuel Lévinas

se reporta a ontologia como fundamento de toda filosofia especificamente a contemporânea de conceber e legar a noção de determinar, conceituar, definir ou atribuir a partir de conceitos inteligíveis, puramente lógicos e racionais; contudo, dirá Lévinas que, “Compreender o instrumento não consiste em vê-lo, mas em saber manejá-lo; compreender nossa situação no real não é defini-la, mas encontrar-se numa disposição afetiva; compreender o ser é existir” (LÉVINAS, 2010, p. 23). Vale já aqui mencionar, que esse apontamento do filósofo será o que mais à frente se desenbocará na alteridade pela responsabilidade, responsabilidade essa para o outro.

Mas como se pode pensar em uma ética como filosofia primeira, se estamos influenciados por uma forma de pensar herdada por uma filosofia baseada na inteligibilidade, racionalidade e ontologia? Eis a questão que problematiza a filosofia de Lévinas quando preocupa-se com as contribuições dessa herança, mas em contrapartida inviabiliza a pressuposição da alteridade, da ética como anteriores ao estabelecimento de conceitos, definições inteligíveis.

Emmanuel Lévinas reflete que a justificativa da ética como estudo e reflexão só é possível porque existe alteridade, existe outro ser para além do próprio “eu”. Aponta Lévinas sobre a ideia do outro, quem é esse outro e a relação entre a ideia de “nós” e tudo isso implica em questões morais, éticas, de colaboração, de valores, de identidade, de autoafirmação.

A diferença entre Emmanuel Lévinas e Hans Jonas, e aqui se destacam as especificidades que tornam ambas teorias filosóficas únicas, no primeiro se trata de uma responsabilidade que antes se caracteriza pelo “eu” que toma parte no sofrimento e história do outro; já pelo segundo, a responsabilidade não é só com a vida humana nem somente para com o presente, mas com toda a vida humana e extrahumana da biosfera em vista de um futuro que pode ameaçar a existência dessa.

Na obra *Compreender Lévinas* (2009) há uma exposição sobre a noção de responsabilidade encontrada em Lévinas. Sobre a concepção de responsabilidade teorizada em Hans Jonas,



“Há três significados interligados presentes no significado de ‘responsabilidade’. Eles são: 1) ‘responsabilidade’ como uma reação ao outro de uma forma indeclinável; 2) ‘responsabilidade’ como uma reação a partir de nós mesmos à outra pessoa e sua exigência; 3) ‘responsabilidade’ como uma reação para o outro no sentido de nos substituímos pela outra pessoa em suas responsabilidades” (HUTCHENS, 2009, p. 35).

Para Lévinas, a responsabilidade ética não surge de uma escolha consciente, mas é imposta a nós pelo encontro com o rosto do outro. Ele argumenta que somos responsáveis por cuidar do bem-estar do outro, mesmo antes de qualquer deliberação racional. Essa responsabilidade incondicional em relação ao outro é central em sua filosofia e desafia as noções tradicionais de ética baseadas em princípios universais. Lévinas enfatiza que a responsabilidade ética é fundamental para a construção de uma sociedade justa e compassiva.

No contexto do ensino de filosofia, a ética da responsabilidade de Hans Jonas pode ser um elemento central para a reflexão dos estudantes sobre a relação entre a humanidade e o mundo em que vivemos. Ao introduzir os conceitos de Jonas, os educadores podem estimular os alunos a refletir sobre questões éticas urgentes, como a preservação do meio ambiente, a justiça social e a ética tecnológica.

O ensino de filosofia baseado na ética da responsabilidade de Hans Jonas também pode promover uma visão mais crítica e consciente em relação às escolhas individuais e coletivas, incentivando os estudantes a considerar as implicações éticas de suas ações e a buscar soluções que levem em conta as necessidades das gerações futuras e do planeta como um todo.

Hans Jonas não se deteve a aprofundar em uma obra sua investida sobre educação, mas sua filosofia traz elementos que nos ajudam a descobrir os pontos, ainda que implicitamente, para a educação e um agir em sala de aula. Por razão, na obra *Técnica, Medicina e Ética* (2013), especialmente em seu terceiro capítulo, é possível encontrar elementos que nos permitem encontrar caminhos na educação escolar como formadora de uma consciência crítica frente aos prognósticos das ameaças hipotéticas sim, mas que requerem um agir categórico.

A princípio é preciso se levantar a implicação ética de discussão sobre os valores. O entendimento de que os valores se modificam com o tempo e sociedades,



faz requerer novas abordagens, percepções e quem melhor pode fazer isso senão a educação como formadora de consciência. Sobre isso, pode-se destacar que a partir das ideias de Hans Jonas, a primeira em relação a utilização dos meios tecnológicos, Pelo bem da autonomia humana, a dignidade que exige que possuamos a nós mesmos e não nos deixemos ser possuídos por nossas máquinas, temos de trazer o galope tecnológico sob um controle extratecnológico (JONAS, 2013, p. 61).

Já o segundo ponto que se destaca em Hans Jonas se submete aos princípios que tanto são aprendidos como ensinados. Há que se apontar que os valores, assim como a técnica e seus avanços sofrem modificações e “Tudo tende para adiante [...]” (JONAS, 2013, p. 63), especialmente quando se pensa sobre a ótica de “progresso”,

Quando perguntamos que valores de ontem são utilizáveis e continuarão sendo importantes para o mundo de amanhã, estamos perguntando ao mesmo tempo quais envelheceram e, talvez, quais perderam importância - mas também, vice-versa, quais *novos* valores um novo amanhã trará à tona (JONAS, 2013, p. 63).

A educação tem o dever de proteção à consciência crítica e discernível dos valores como também ao temor para com o agravamento das condições à existência de um vida futura, isso porque “[...] é uma obrigação *pública* proteger o privado [...]” (JONAS, 2013, p. 68). Entre uma das atenções que se levantam sobre os avanços da técnica, está seu efeito desencadeador e influenciador em massa,

No conglomerado cada vez mais denso de massas automatizadas, amorfas, em decorrência da perda de coesão dos costumes de seus grupos originários, cujo acesso ao geral vem facilitado por estes canais, poderia ocorrer que nos convertêssemos em selvagens tecnológico-eletrônicos (JONAS, 2013, p. 69).

Nesse dever da educação, compreende-se que, “[...] a educação cuida de um mundo que herdamos e que confiaremos à próxima geração, contribuindo dessa forma para sua continuidade” (DE ALMEIDA, 2012, p. 19). Também corresponde à responsabilidade do professor,

O professor que os ensina pode mostrar aos alunos como ele se relaciona com esses saberes e essa linguagem, isto é, o que julga especialmente importante, o que considera menos relevante, o que lhe interessa, o que o deixa indignado, o que deve ser recusado, e assim por diante. Revelando seu

envolvimento com os conteúdos, ele busca despertar nos alunos o desejo de posicionar-se por conta própria, seja divergindo do professor, seja concordando com ele ou reformulando suas posições (DE ALMEIDA, 2012, p. 30).

Noções sobre responsabilidade ética em relação aos valores. O fato de percebermos que certos valores não são mais os mesmos, incumbe-nos, antes que um saber, mais uma ação frente ao despertar de que também os valores de hoje podem não ser os mesmos no dia seguinte (Cf. JONAS, 2013, p. 63).

Impacto da tecnologia na sociedade: A abordagem de Hans Jonas sobre a relação entre técnica e sociedade pode servir de base para discussões sobre o papel da tecnologia na vida contemporânea. Tanto a responsabilidade frente aos valores que sofrem mudanças, quanto à tecnologia, “A responsabilidade sobre o que [...] nos afeta é o que converte o verdadeiro temor em dever e exercício diário para nós” (JONAS, 2013, 76). De acordo com Battestin e Guiggi (2010), a técnica possibilitou o desenvolvimento científico e profissional, mas também pôs em questão desafios e responsabilidades.

Dilemas éticos na medicina e biotecnologia: A obra aborda questões éticas relacionadas à medicina e biotecnologia, como a manipulação genética e a intervenção no corpo humano. A partir desses temas, os estudantes podem realizar debates e atividades que os levem a refletir sobre os limites éticos dessas práticas, considerando o impacto na vida das pessoas e na sociedade.

Trabalhar a ética da responsabilidade de Hans Jonas no ensino de Filosofia pode ser uma oportunidade valiosa para os estudantes refletirem sobre questões éticas e morais contemporâneas. Moacir Gadotti (2008), em seu artigo sobre *Educar para a sustentabilidade*, apresenta a necessidade do cuidado, da consciência, conscientização e principalmente da educação para uma formação de um sujeito mais humano, participativo e responsável para com as emergências e efeitos no meio ambiente, sendo ele capaz de modificar e incorporar certas práticas que sejam positivas.

Através de debates e conversas, os alunos podem explorar os conceitos de responsabilidade em relação ao meio ambiente, à tecnologia e às gerações futuras,

conforme proposto por Jonas. Uma sugestão bem prática é a construção de textos reflexivos e a realização de práticas relacionadas à preservação ambiental e à responsabilidade social também podem enriquecer a compreensão dos alunos sobre a ética da responsabilidade.

Além disso, Hans Jonas (2006, p. 74) cita a utilização de filmes de ficção científica como é o caso de “Admirável Mundo Novo de Adouls Huxley” (1998) como uma ferramenta engajadora para ilustrar os conceitos e problemáticas para se fundamentar a heurística do temor. Alguns outros filmes também podem ser úteis como "Uma Verdade Inconveniente" (2006), que aborda questões ambientais e a responsabilidade em relação às mudanças climáticas, e "Wall-E" (2006), que oferece uma visão distópica do futuro e estimula a reflexão sobre a responsabilidade em relação ao uso da tecnologia e ao cuidado com o planeta.

Abordar a ética da responsabilidade em Hans Jonas em sala de aula oferece inúmeras possibilidades para promover a reflexão ética e a consciência sobre questões contemporâneas. Aqui estão algumas maneiras de abordar esse tema são através de promoção de debates e discussões em sala de aula sobre temas como a responsabilidade em relação ao meio ambiente, avanços tecnológicos e biotecnologia, e as consequências de nossas ações para as gerações futuras. Isso permite que os alunos expressem suas opiniões e desenvolvam habilidades de argumentação e pensamento crítico.

Uma outra atividade possível, leitura e análise de textos. A leitura e análise dos escritos de Hans Jonas e de outros filósofos que abordam a ética da responsabilidade podem enriquecer a compreensão dos alunos sobre o tema. Isso pode incluir a discussão de textos clássicos, artigos contemporâneos e ensaios que exploram questões éticas. Projetos práticos que engajem os alunos em projetos práticos que promovam a responsabilidade ambiental e social, como ações de preservação ambiental, campanhas de conscientização e atividades de voluntariado. Isso permite que os alunos apliquem os princípios da ética da responsabilidade na prática.

A exploração de estudos de casos. A análise de estudos de caso reais ou fictícios relacionados a dilemas éticos pode ajudar os alunos a compreender como a ética da responsabilidade de Hans Jonas pode ser aplicada em situações concretas.

A Utilização de recursos audiovisuais, como já foi apresentado antes por Jonas como uma fundamentação à heurística. A utilização de vídeos, documentários e filmes relevantes para ilustrar conceitos-chave da ética da responsabilidade, como impacto ambiental, avanços tecnológicos e questões bioéticas.

Essas abordagens permitem que os alunos desenvolvam uma compreensão mais profunda da ética da responsabilidade em Hans Jonas e sua relevância para as questões éticas contemporâneas, ao mesmo tempo em que promovem o pensamento crítico, a empatia e a consciência social.

Considerações Finais

A ética da responsabilidade, fundamentada nas reflexões de filósofos como Hans Jonas, oferece uma abordagem valiosa para o ensino de Filosofia, proporcionando aos estudantes a oportunidade de explorar questões éticas complexas e urgentes. Ao implementar essa abordagem no contexto educacional, os educadores podem capacitar os alunos a refletir criticamente sobre as implicações éticas de suas ações, promovendo uma consciência ampliada sobre o impacto de suas escolhas individuais e coletivas.

Através de debates, análises de textos filosóficos, estudos de caso e atividades práticas, os estudantes podem desenvolver habilidades de pensamento crítico e ético, ao mesmo tempo em que se engajam em discussões significativas sobre temas como preservação ambiental, avanços tecnológicos e desafios bioéticos. Além disso, a utilização de recursos audiovisuais e a exploração de narrativas cinematográficas podem enriquecer a compreensão dos alunos sobre a ética da responsabilidade, tornando o aprendizado mais envolvente e relevante para o mundo contemporâneo.

Ao adotar uma abordagem didático-filosófica centrada na ética da responsabilidade, os educadores não apenas capacitam os alunos a compreender conceitos éticos fundamentais, mas também os preparam para se tornarem cidadãos éticos, conscientes e engajados. Essa implementação não apenas enriquece o currículo de Filosofia, mas também contribui para a formação de indivíduos capazes



de tomar decisões informadas e éticas, promovendo assim uma sociedade mais justa, sustentável e solidária.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo. Trad. Alfredo Bosi. Martins, 2007, pp. 34.

ALENCASTRO, Mario Sergio. Hans Jonas e a proposta de uma ética para a civilização tecnológica. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 19, 2009.

BATTESTIN, Cláudia; GHIGGI, Gomercindo. O princípio responsabilidade de Hans Jonas: um princípio ético para os novos tempos. **Thaumazein: Revista Online de Filosofia**, v. 3, n. 6, p. 69-85, 2010.

DE ALMEIDA, Vanessa Sievers. Considerações sobre a responsabilidade do professor e o ensino de filosofia. **Revista Polyphonia**, v. 23, n. 2, p. 17-32, 2012.

FARIAS JR, João Batista. A responsabilidade política pelo mundo comum: diálogos com Hans Jonas e Hannah Arendt. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado apresentada ao **Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Goiás**. Goiás: 2021.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade**: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. 2008.

HECK, José N. O princípio responsabilidade e a teleologia objetiva dos valores. **Ética para a civilização tecnológica: Em diálogo com Hans Jonas**. São Paulo: Ed. São Camilo, 2011.



HUTCHENS, B. C. **Comprender Lévinas**. Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade**: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC, 2006.

JONAS, Hans. **Técnica, medicina e ética**: sobre a prática do princípio responsabilidade. Trad. Grupo de Trabalho Hans Jonas da ANPOF. São Paulo: 2013.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: Ensaio sobre a alteridade. Trad. Pergentino Stefano Pivatto (Coordenador). Rio de Janeiro: Vozes, 2010.